

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal.....

Data...../...../.....

Pág.

Pasta n.º

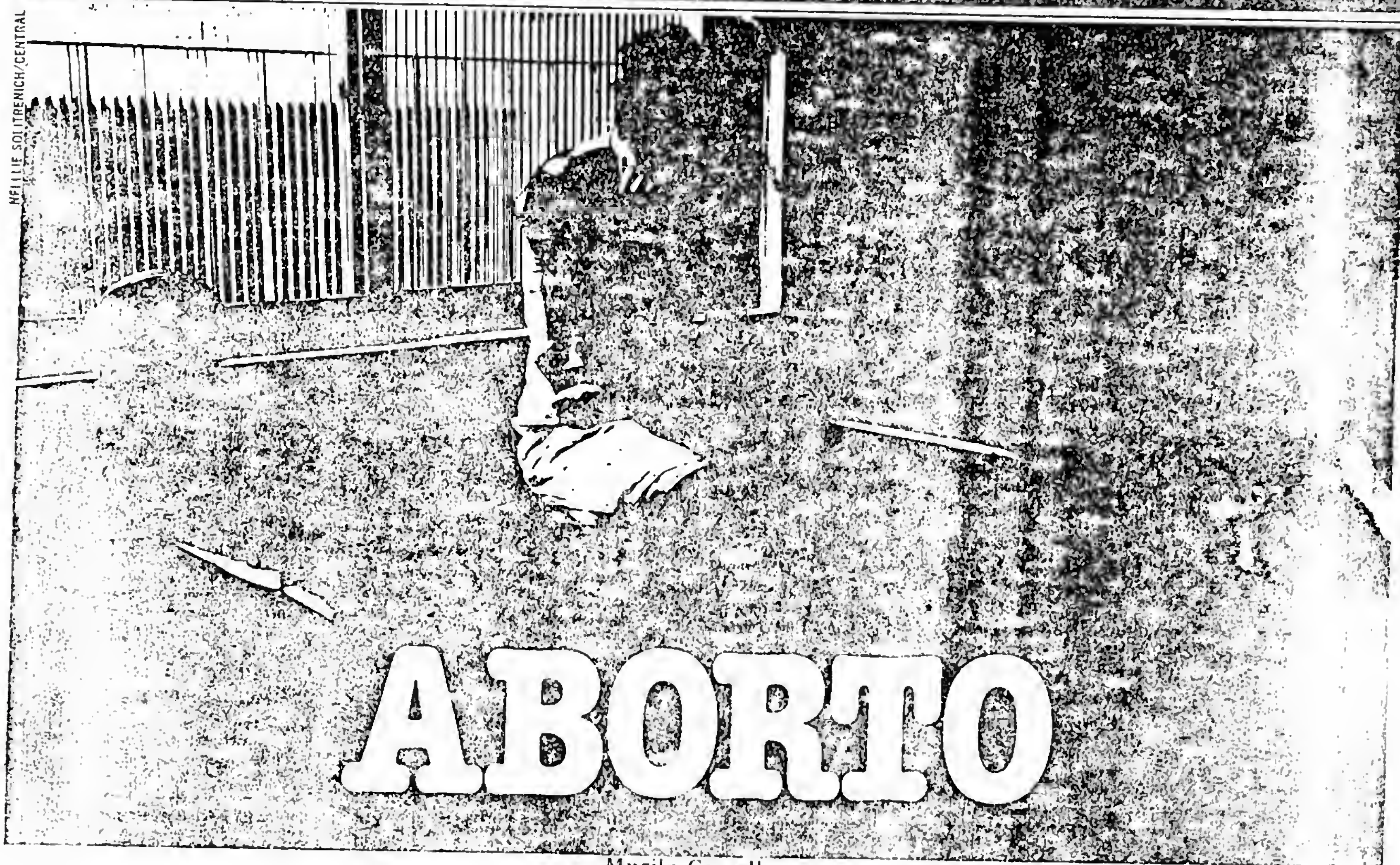
N.º do recorte.....

Anistia para mulheres grávidas

SOFIA — O governo da Bulgária concedeu uma anistia a todas as mulheres grávidas que estejam cumprindo penas de prisão. Segundo a agência oficial búlgara BTA, "a medida é um ato de boa vontade do

governo e uma contribuição ao Ano Internacional da Criança". A anistia beneficiará também as detentas que tenham filhos menores de três anos e as menores de idade.

GENA BRASILEIRA



ABORTO

Murilo Carvalho

As lágrimas corriam soitas, mas a moça não fazia nenhum ruído, não gemia, apenas chorava em silêncio. As luzes acesas, as janelas fechadas e um frio terrível que parecia entrar pelas frestas da porta. A enfermeira trabalhava em silêncio também, a cureta enfiada na vagina da moça, raspando e o sangue escorria, pedaços de placenta iam se amontoando num saco plástico, desses de lixo. Havia um cheiro de éter no ar, embora não tivesse visto a enfermeira usá-lo em nenhum momento.

Esse aborto, começado há mais de meia hora, estava quase no fim. Um pouco mais, o útero da moça estaria todo raspado e o canto da cureta ia dizer que tudo estava certo agora, o filho indesejado era só mais um sonho ruim que acabava de passar. E depois, apenas a memória de uma coisa desagradável que somente as colegas mais íntimas do emprego na fábrica de camisas iriam saber.

A enfermeira é na verdade uma auxiliar de enfermagem e está trabalhando numa casinha pequena, de paredes amarelas, num bairro da zona Norte de São Paulo. Uma área pobre com as ruas ainda de terra, água escorrendo em regos sujos e cercas mal feitas com pedaços de tábuas de andaime.

— Eu não gosto desse nome que nos dão, aborteiras, diz D. Luiza. Eu acho que muita gente que critica precisa compreender bem o que acontece. Eu faço aborto mas sou contra, sei que não presta fazer aborto e que pode até dar cadeia, e dá mesmo, mas sabe quanta gente faz aborto todo ano? E acho que a gente deve saber porque todas essas mulheres fazem aborto. Eu posso dizer que sei mesmo, porque eu faço dois, três todo dia e converso muito com elas, eu tenho um sistema: antes de tirar o filho, de fazer a operação, eu converso com elas pra saber se elas querem mesmo fazer o aborto, se não é melhor elas ficarem com o filho, afinal foi Deus quem mandou. Algumas mesmo resolvem na última hora não abortar mais e vão embora. Mas a maioria quer tirar mesmo e sabe quase sempre por que? Porque não têm como sustentar um filho, não podem. Muitas, mas muitas mulheres que vêm aqui casadas, a maioria quase, elas vêm porque não dá pra ter o filho, com o custo que tudo anda. E eu acho que elas têm mesmo razão. Agora, vem muita moça solteira também, essas, dão o mau passo e depois ficam apavoradas porque todo mundo rejeita, ninguém aceita. Às vezes nem o homem mesmo aceita, ou já é casado e acha que é melhor não ter o filho. Família quase nenhuma aceita um filho ilegítimo em casa, tem companhia que despede as empregadas se elas ficarem esperan-

do filho. Então é assim, as moças não têm condições mesmo.

Lurdes tem 19 anos e é a primeira vez que faz aborto. Sua história é comum, uma história que parece repetir-se aos milhões por todas as cidades do país.

— Eu tenho um namorado e a gente inclusive pensa em casar, mas ele ainda não tem condições, nem eu tenho. Eu sempre tenho tomado comprimido para não pegar filho mas às vezes a gente esquece e então pega. Agora eu não podia mesmo ter filho, porque, Deus-o-livre se minha mãe sabe, meu pai era capaz de me por pra fora de casa. E aconteceu a mesma coisa com uma colega nossa na fábrica. Ela também era cortadeira, trabalhava na mesma seção que eu, de corte, ela engravidou e resolveu ter o filho, ela era solteira também. A barriga, foi só começar a crescer, eles chamaram ela lá no escritório e deram as contas. Ela foi na justiça fez que reclamou, eles pagaram uma mixaria e pronto. Ela ficou no desemprego e até agora não conseguiu outro emprego, o filho vai nascer logo e ela está na maior necessidade, são os amigos que vão mais ou menos sustentando ela.

curiosas é terrível. Os métodos empregados chegam a lembrar torturas refinadas.

— Tem muito jeito de provocar um aborto, explica D. Luiza. Qualquer coisa que enfiar lá dentro mata o feto, mas deixa ele lá apodrecendo, e dá muita infecção que pode matar a mulher. Tem muita aborteira que faz assim: enfia um pedaço de borracha, assim comprido, maior do que um lápis dentro da vagina da mulher e depois põe um esparadrapo e diz: agora você deixa isso aí 24 horas sem mexer. Quando começar a sangrar muito, sair muito sangue, você tira e corre pro hospital. Ai os médicos atendem e pronto, passa uns dias lá e pronto. Se não correr pro hospital morre mesmo, de hemorragia, e eu acho que tem muita mulher que morre por isso. Tem outras parteiras que usam fazer um chá venenoso que dão pra mulher beber. Aquilo envenena tudo, intoxica a mulher tanto que ela aborta, envenena o feto mais do que a mulher, porque é claro que ele é mais fraco. Então depois que ele morre o corpo mesmo começa a expelir ele, vai saindo aos pedaços. Agora a mulher passa muito mal, dias, vomita muito, fica dias ruim do fígado, emagrece, é muito sofrimento.

A barriga, foi só começar a crescer, eles chamaram ela lá no escritório e deram as contas. Ela foi na justiça, fez que reclamou, eles pagaram uma mixaria e pronto. Ela ficou no desemprego e até agora não conseguiu outro.

Então quando eu vi que as regras não chegavam eu falei pro meu namorado: Carlos, eu fiquei esperando. Ele respondeu: tem que tirar. Na hora aquilo me deu um choque, porque eu queria que pelo menos ele falasse que se tivesse condições a gente casava, a gente podia ter o filho, mas não, ele quis logo procurar uma mulher pra tirar. A gente fica muito sem apoio e dá um medo danado, porque a gente fica sabendo cada história cabeluda sobre o que acontece com as mulheres que fazem aborto então a gente fica pensando que vai morrer, essas coisas.

De certa forma Lurdes teve sorte por encontrar uma aborteira mais ou menos competente. Auxiliar de enfermagem num grande hospital, D. Luiza foi aos poucos aprendendo como é que se faz uma curetagem bem feita e mesmo teve lições de um médico que também fazia abortos. Mas o geral das aborteiras e

Um dia chegou uma mulher aqui em casa me procurando porque tinham dado pra ela esse remédio, uma misturada de chá de sete ervas com mandioca brava, ela tava por morta, o feto era muito grande e não conseguia sair e já fazia dois dias que ela estava naquela agonia. Então ela chegou aqui eu vi que não tinha jeito a mulher ia morrer na minha mão. Ai falei pra irmã dela que estava junto que corresse pro hospital, pro pronto socorro, que eu não dava mais conta. Ela não quis ir de jeito nenhum, estava morrendo de medo, então eu dei uma olhada. Foi a coisa mais feia que já vi. Estava cheirando mal e ela, no desespero, tinha enfiado uma colher de café e não sei porque não saía mais, no maior sofrimento. Tirei a colher mas a hemorragia era muita e só mesmo depois de muita gritaria, a vizinhança inteira escutou, é que a irmã resolveu levar ela no Pronto Socorro de

Santana : Essa mulher hoje tá imprestável, anda doente, sumida, às vezes eu vejo ela na feira, me dá dó. Ela tem cinco filhos e o marido dela trabalha numa dessas firmas de varrer rua. Tive uma outra que fez um aborto com uma velha que falou que é leiteira, perto do Tucuruvi e chegou lá no hospital onde eu trabalho com uma bonequinha de pau

enfiada e tinha até duas figas da guiné pendurada pra fora. Foi preciso os médicos operar pra tirar aquilo.

Já está escuro, as luzes fracas demais, quando o canto da cureta surge. Um barulho estranho, como se estivesse esfregando duas folhas de papel áspero e que significa que o útero já está «limpo». Lurdes, que parecia mais muda ainda, teve uma reação estranha e inclinou o corpo como se tocada por um choque. O sangue e pedaços de placenta haviam sujado um pouco o lençol, apesar do saco plástico que a enfermeira havia colocado debaixo dela. A hemorragia diminuiu, quase para, e D. Luiza estica as pernas da moça e a deixa deitada mais um pouco, para descansar. Lurdes está aliviada, quase se pode ver uma certa alegria misturada com a tristeza que tem aquela salinha apertada. Se não tiver nenhuma complicação, nenhuma infecção, dentro de alguns dias estará pronta para outra.

Lurdes está descansando ainda, D. Luiza foi jogar fora o saco com os pedaços de placenta, quando chegam duas mulheres. Uma bastante jovem e a outra de meia idade tem o lábio leporino. D. Luiza volta e as convida para sentar-se num pequeno sofá vermelho, diante da televisão. Uma das mulheres é prostituta e a outra uma lavadeira que mora perto e veio trazê-la para «fazer um anjinho».

D. Luiza indaga as razões que levam a moça a fazer o aborto e se não há mesmo possibilidade de deixar nascer o filho. A moça explica:

— Eu vou ser franca com a senhora, eu não tenho condições de jeito nenhum, eu me viro aí, sabe, me virava numa casa em Araraquara e vim pra cá faz um sete meses, atrás de um homem que eu conheci lá e acabei ficando. Agora, como é que eu vou ter filho e sustentar? Se sozinha já é difícil, que dirá com uma barriga e depois com um filho.

A mulher de lábio leporino se despede e recusa o cafezinho que D. Luiza lhe oferece, dizendo que o marido ainda não chegou pra jantar e ela tinha deixado a comida no fogo.

— Agora, você espera só mais um pouquinho que tem uma mãe... descansando lá dentro, ela está meio assustada, porque é a

primeira vez que ela faz, diz D. Luiza.

— Eu espero, não tem problema. Eu já é o sexto que eu faço, eu não tenho muito medo mais não, se bem que uma vez eu fui parar no hospital, a primeira vez, porque foi uma amiga minha mesmo que tentou fazer com uma colher dessas de cabo comprido de mezer copo de leite. Aí deu uma complicação danada e como eu já era da vida, a polícia descobriu e invocou, além de sofrer mais duas quinze dias ainda tive que dar um dinheiro pra eles.

— Sabe que isso é verdade, quase toda mulher ou médico que faz aborto tem que pagar uma cota pra polícia, pra não incomodar. Eu mesmo já paguei faz uns anos, mas agora eles não me amolam mais. Tive um investigador, que eu nem lembro o nome, que trouxe um dia uma moça aqui, que ele tinha engravidado, ele era casado com outra, não é? Então depois que eu fiz o serviço e deu certo eles deixaram de me incomodar. Mas eu conheço muita história, disse da polícia cobrar uma taxa pra deixar as mulheres trabalhar. E que nem no jogo do bicho, é um imposto, eles falam, porque é ilegal fazer o aborto, então eles dizem que cobram para liberar.

— Uma vez me ameaçaram de prisão, vieram na minha casa três homens, naquele tempo eu morava na Vila Gustavo, e foi por isso que eu mudei, eles vieram e queriam que eu confessasse que tinha feito numa moça que morreu no pronto-socorro. Mas eu nem sabia que era a tal moça, e eles me levaram para a delegacia pra interrogar. O pessoal gritava que ia me arrebentar se eu não confessasse. Um deles até me sacudiu a cabeça pelos cabelos, assim. Mas pra minha sorte uma amiga da moça disse que não era eu não, que ela sabia que era outra, então me deixaram ir embora. Mas toda aquela confusão me entristeceu, aquele negócio com a polícia o carro deles na porta de casa, então foi que eu resolvi mudar.

A primeira vez quem tentou fazer foi uma amiga, com uma colher de cabo comprido, de mexer copo de leite. Fui parar no hospital

— Olha, eu sou uma mulher religiosa, sabe, eu sou umbandista de fé e acho que isso de fazer aborto não é muito pecado não, porque pecado maior é pôr no mundo um ser que só vai passar necessidade, vai passar fome, vai virar um indesejado. Porque se a mãe não quer, quem no mundo vai querer? Aqui a responsabilidade de criar o filho é só mais da mãe e do pai, mais de ninguém. E se a mulher é solteira é ela sozinha que vai aguentar o rojão, então se ela vê que num vai dar, ela pode tirar mesmo. Ela é dona do corpo dela, não é? E depois eu acho que a alma só chega mais tarde, depois, na hora que a criança nasce. Quando está naquele tamanhinho não tem alma não, não é crime. Ainda não é gente, é só semente imaterial. Claro que eu acho que era melhor não precisar fazer o aborto, se todas as mulheres tomassem pílula ou se tivesse um outro jeito seguro, ou então todo filho que nascesse o governo desse uma ajuda, olhasse por ele, então não precisava mais ter mesmo aborto não. Mas do jeito que é tem que ser. Depois falam que a pílula faz mais mal ainda, que dá câncer, se bem que eu não acredito muito nisso não. Agora, ninguém explica nada pra ninguém, fica tudo uma grande confusão. Por exemplo, eu, que trabalho no hospital que converso muito com os médicos, não sei se a pílula presta ou não presta. Então quando vem uma moça pedir conselho eu não sei dar, porque tem médico que diz que é boa, tem outros que diz que não presta. O governo devia era olhar por essas coisas. Se tem o INPS que atende tanta gente, devia ter lá um departamento que explicasse essas coisas para o povo, assim melhorava.

Lurdes aparece, meio trêmula, vinda da salinha do lado, separada dali por uma cortina de pano grosso. Está pálida e continua silenciosa.

— Senta aqui minha filha, que eu vou avisar o rapaz, diz D. Luiza, que sai rapidamente e volta logo acompanhada de um rapaz magro, que não entra, fica apenas na sombra da porta, esperando. Lurdes levanta-se e sai, ele toma-a pelo braço e sobem a rua escura. Está fazendo muito frio.

— Agora é a minha vez, não é? pergunta sorrindo a outra moça.

As duas se levantam e entram na salinha. E não demora nem 10 minutos se ouve de novo o canto da cureta, como um rato, roendo uma pilha de papéis velhos.

NELLIE SOLITRENICH/CENTRAL



Segundo um estudo da ONU, no Brasil são realizados cerca de 10% de todos os abortos praticados no mundo. Um número impressionante, que sobe a mais de 3 milhões cada ano, isto é, 3/4 da taxa de natalidade do país. Uma pesquisa feita em São Paulo no ano passado mostra que há cerca de três mil clínicas ilegais onde se pratica o aborto.

Aborto. A lei ajuda a matar

O aborto ilegal é praticado em todo o país em condições precárias, com sérios riscos para as mulheres. Não seria hora de rever sua ilegalidade?

Wilson Hilário Borges*

A mulher deve ser dona do próprio corpo

Para as senhoras que desejam interromper uma gravidez indesejada, eis o que diz a lei e o que pensam os responsáveis pela aplicação das normas vigentes:

Código Penal, artigo 124 — Provocar aborto em si mesma ou consentir que outrem lho provoque.

Pena — detenção de 2 a 6 anos.

artigo 126 — Provocar aborto com o consentimento da gestante.

Pena — reclusão de 1 a 4 anos.

Existem situações, entretanto, em que o aborto é permitido:

artigo 128 — Não se pune o aborto praticado por médico:

I — se não há outro meio de salvar a vida da gestante.

II — se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal.

Aborto, no sentido técnico legal, é a interrupção da gravidez com a destruição do produto da concepção. É, objetivamente falando, a morte do ovo, embrião ou feto. Para que a lei considere como efetuado o aborto não é necessário que haja a expulsão do produto da concepção, bastando que a ação externa exercida pelo sujeito cause a morte do produto da concepção.

A prática do aborto é muito antiga. Encontramos referência na Bíblia, no «Êxodo», capítulo 21, versículos 22 e 23, que previam que quem ferisse mulher grávida e como consequência esta abortasse, o agressor teria que indenizar o marido e se a mulher viesse a falecer, o agressor deveria ser morto. Para o Direito Romano, o aborto era uma ação imoral, mas não era considerado crime. Essa visão prevaleceu durante muito tempo, mas com períodos intercalados em que, por entendimento de certos imperadores, o aborto passava a ser punido.

Foram os escritores cristãos que, nos primeiros séculos de nossa era, passaram a sustentar a tese de que o feto já era um ser

dotado de vida e que qualquer ação contra ele se constituía um crime contra a pessoa. Foi o direito canônico que influenciou a formação do pensamento jurídico europeu com a inclusão do aborto como crime em toda a legislação dos países europeus. As transformações acontecidas com o desenvolvimento do capitalismo e a consequente transformação do modo de vida da maior parte do globo, fizeram recrudescer a discussão sobre a prática do aborto.

Os envolvidos nessa difícil discussão defendem posições extremamente diferentes. Uma ala conservadora da população, constituída, via de regra, por aqueles que não têm grandes problemas de ordem material e têm formação religiosa rígida, sustentam que o aborto deve ser mantido como «caso de polícia», afirmando que o aborto é crime contra a pessoa, que já existe desde o

momento da concepção. Entendem ainda que a repressividade legal é forma de coibir, de impedir a prática generalizada e inconsequente de pessoas que, sem essa limitação, passariam a abusar, colocando em risco a manutenção da família.

Os que defendem posição mais liberal afirmam que o aborto deve ser legalizado para permitir que cada um possa dispor de seu físico, sem restrições, não cabendo à lei impedir que a mulher decida da conveniência ou não de ter um filho.

Destes posicionamentos, pode-se tirar as seguintes conclusões: Apesar da proibição legal, o aborto é praticado e quem quiser ou precisar interromper a gravidez, o faz independentemente da lei. Ao fazê-lo, entretanto, é obrigado a procurar pessoas não especializadas ou recorrer a métodos abortivos «bárbaros», gelo na barriga, introdução de objeto pontudo na vagina, etc. Já a mulher com situação financeira privilegiada tem a opção de recorrer a médicos que atuam à margem da lei, oferecendo um «serviço» mais ou menos seguro. Essa segurança é relativa, porque os riscos são relativamente grandes.

O número de óbitos causados por aborto já era elevado em 1967, conforme conclusões de um grupo de estudos criado pelo então Secretário da Saúde (Diário Oficial - 17/05/67). Algumas conclusões do grupo sobre o problema na cidade de São Paulo informam que nos anos de 1962/63/64 o aborto já representava 11,2% da mortalidade materna, enquanto o número de abortos praticados em cada 100 mulheres era da ordem de 19, sendo que em parcelas da população esse número podia atingir de 12 a 38%.

Hoje, apesar da ameaça da lei e apesar do perigo de vida, mais de 3 milhões de mulheres provocam a interrupção da gravidez no Brasil. Em cada três casos de atendimento hospitalar a mulheres, um pelo menos é por aborto provocado e a maioria desses casos não chega sequer ao conhecimento das autoridades. No Brasil e em todo o mundo o número de mulheres casadas que provocam o aborto é superior ao de mulheres solteiras.

Pesquisa feita a pedido da ONU — Organização das Nações Unidas — e publicada

124 - Provocar aborto em si mesma ou consentir que outrem lho provoque.
Pena: detenção de 2 a 6 anos.
126 - Provocar aborto com o consentimento da gestante.
Pena: reclusão de 1 a 4 anos.

em 1976 e assinada pelos médicos Lester Brox e Kathleen Newland informa que o aborto é uma das mais significativas e rápidas mudanças sociais do mundo. De acordo com esse estudo, dois terços das mulheres do mundo fazem ou já fizeram um aborto.

A atitude dos membros da sociedade e as leis de cada país vêm diferentemente esse problema. Assim, na Inglaterra, onde a medicina é socializada, a mulher, comprovada a necessidade do aborto, recebe financiamento do Estado. No Japão, o aborto é liberado desde 1920. Nos EUA, em quase todos os Estados da União é liberado desde 1967 e foi legalizado para todo o país em 1973. Na Índia e na China a prática do aborto é perfeitamente legal e na França foi liberado há 5 anos. Em todos os países socialistas, o aborto é considerado ato legal desde 1955, bastando, para que se conceda a ordem para a interrupção da gravidez, o pedido da mulher, que será amplamente considerado dentro das indicações sociais e econômicas.

Os aspectos morais, do ponto de vista dos responsáveis pela elaboração das leis, são bastante relativos. Isso pode ser verificado pela tomada de decisão de Israel que passou a permitir, a partir de 1978, a prática do aborto para as mulheres que fossem membros do Exército, utilizando essa liberalidade como incentivo ao ingresso de mulheres nas Forças Armadas, alterando, assim, uma posição legal que impedia o aborto desde a criação do Estado de Israel.

Se ficar bicho pega, se correr, bicho come

Afastados os aspectos morais, ficamos com o problema do aborto frente à transformação social global. Uma transformação que, para a maioria da população trabalhadora oferece obstáculos de ordem econômica cada vez mais crescentes, aumentando consideravelmente o estado de miserabilidade dos trabalhadores. Historicamente, podemos constatar uma mudança no papel e na estrutura da família. Hoje, todas as forças devem ser utilizadas para sustentação e manutenção da casa. É evidente que assim o número elevado de membros de uma família constitui um obstáculo intransponível para uma assistência satisfatória a todos. Preço de escola, alimento, vestuário são elementos a serem considerados — interessante notar o número de menores abandonados em São Paulo e no Brasil todo.

A necessidade da mulher exercer uma atividade fora de casa, bem como a busca de realização pessoal fazem com que o aborto seja praticado com muito mais frequência, restando a seguinte opção: ou se muda a realidade ou se muda a lei. Sendo evidente que a lei é o resultado das relações de produção e relações sociais, muda-se a lei.

Há de se destacar, no entanto, que muito mais imoral que a prática do aborto é a manutenção de um modo de vida em que as pessoas são levadas a uma situação extrema de, por necessidades materiais objetivas, serem obrigadas a correr o risco imposto pela prática do aborto sem a devida assistência médica e, quando escapam dessa ameaça, correm o risco de ser presas. Se ficar o bicho pega...

***Wilson Hilário Borges é advogado
e sociólogo em São Paulo.**

A favela cuida de suas crianças *RB*

F/SP 14/8/79 p 1



Os favelados construíram uma creche na Vila Dalva. As crianças já estão lá; só falta inaugurar.

Os moradores da favela de Vila Dalva, ajudados por seus vizinhos, vão inaugurar no próximo sábado uma creche, que eles mesmos construíram, em sistema de mutirão e com ajuda de alguns órgãos da Prefeitura.

Com 256 metros quadrados e nove cômodos, se a creche tivesse sido construída pela Secretaria de Obras teria um orçamento de Cr\$ 2,5 milhões. Como foi levantada num mutirão, com material fornecido pela Coordenadoria do Bem-Estar Social (Cobes), seu custo caiu para um décimo desse valor, isto é, Cr\$ 256 mil.

Os favelados e os funcionários da Supervisão Regional do Butantã da Cobes convidaram o prefeito para a inauguração, pois esperam que essa experiência pioneira seja utilizada pela Prefeitura para expandir sua rede de creches, que hoje se resume a 24 unidades em toda a cidade.

Na Vila Dalva, a creche foi erguida num terreno da Prefeitura, localizado dentro da favela, com o apoio da Administração Regional do Butantã, que forneceu máquinas e acompanhou a obra, que obedece a um projeto padrão da Cobes, adaptado pelos moradores.

Favela constrói creche para as suas crianças

Os moradores da favela Vila Dalva e seus vizinhos construíram uma creche para receber mais de 100 crianças por um décimo do que costuma ser gasto pela Prefeitura, em obras desse tipo. A casa de nove cômodos, com 256 metros quadrados, teria custado Cr\$ 2,5 milhões, se tivesse sido construída pelo Departamento de Edificações da Secretaria de Obras da Prefeitura. Como foi levantada por um mutirão, com material da Coordenadoria de Bem Estar Social (Cobes), saiu por Cr\$ 256 mil e será inaugurada neste sábado com uma grande festa.

Os moradores de Vila Dalva e os funcionários da Supervisão Regional do Butantã, que pertence à Cobes, convidaram o prefeito Reinaldo de Barros, para a festa de inauguração, na esperança de que esta experiência sirva de exemplo e incentive a Prefeitura a expandir sua rede de creches, que hoje não ultrapassa 24 unidades, das quais as duas últimas foram construídas há dois anos.

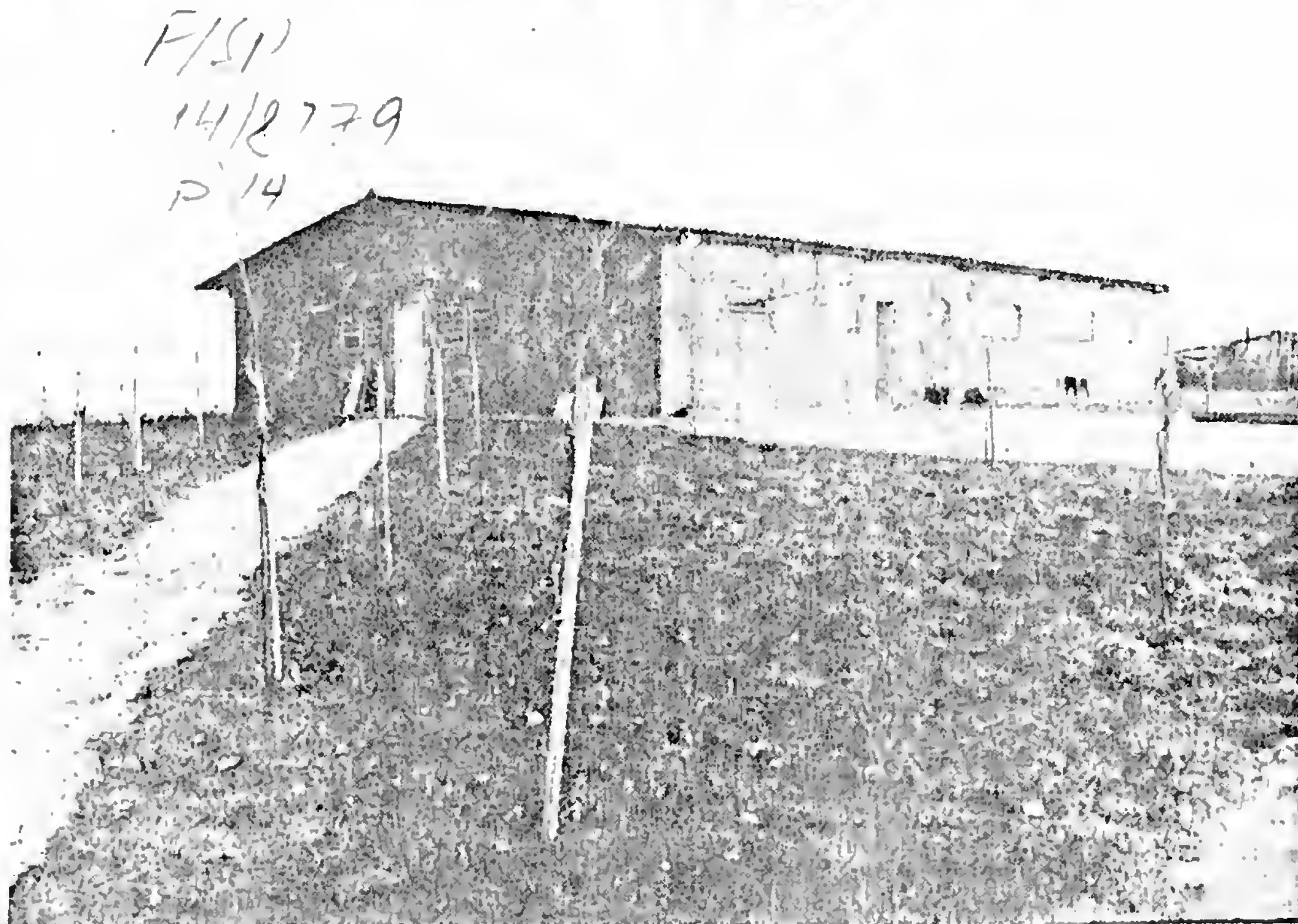
Na verdade, explica João da Silva, um vizinho da favela que passou oito meses na construção como mestre de obras — tudo teria sido impossível sem a ajuda de várias funcionárias da Supervisão Regional de Serviço Social do Butantã, que decidiram provar, na prática, que seria possível aumentar em pouco tempo a rede de creches da Prefeitura. Bastou para isto, como conta a supervisora Maria do Carmo Brandt Carvalho Falcão, apostar na vontade e na capacidade da população.

Um rápido levantamento foi suficiente para descobrir um terreno livre da Prefeitura na divisa com a favela, com 3.500 metros quadrados, "perfeito" para uma construção de 256 metros quadrados, bem simples, sobrando espaço para futuras ampliações.

A Coordenadoria do Bem Estar Social tem projeto padrão de creches de madeira, que em pouco mais de um mês foi discutido e readaptado pelos moradores da favela e seus vizinhos, dispostos a ajudar na construção.

APOIO

Estas funcionárias da Supervisão Regional do Serviço Social do Butantã, contam que o apoio do antigo administrador do Butantã foi fundamental para a execução da obra. Ele cedeu as máquinas de terraplenagem da Regional durante 24 horas para aplanar o terreno,



Um jardim, feito pelos moradores, cercará a creche, construída em mutirão.

supervisionou pessoalmente as obras e procurou não colocar obstáculos burocráticos.

Maria Lúcia Rodrigues e Marilúcia Moreira Pollice, que acompanharam tijolo por tijolo a construção da creche, resolveram trabalhar no projeto quando, numa visita, encontraram uma pequena creche montada com tábuas velhas e chapas de zinco, no meio da favela de Vila Dalva. Trinta e uma crianças ocupavam, — numa situação que durará até sábado — um único cômodo, cedido pela Igreja local. Berçinhos velhos ocupam boa parte do espaço onde cinco mulheres, que começaram seu trabalho como voluntárias, cuidam hoje de 48 crianças.

"No barraco falta água, sol e espaço para as crianças. Mas isto já é muito — conta Natalia Florentina, que foi das primeiras a aderir à ideia da creche. — Agora temos uma ajuda de Cr\$ 30 mil por mês da Supervisão, que dá para comprar comida e pagar todas as funcionárias que ganham salário mínimo e não registradas". Antes da Supervisão decidir contribuir para o sustento da creche, cada uma delas não chegava a ganhar mil cruzeiros. Ninguém era registrado. Vinte cruzeiros de carne por dia eram divididos por 31 crianças e cinco funcionárias, que acrescentavam muita batata e arroz para fazer volume. Verdura só as que uma senhora levava de graça, uma vez por semana".

Mesmo com toda esta dificuldade, Rosalene Augusta de Souza Rabelo conta que um garotinho,

de um ano, que hoje pesa nove quilos, chegou ali com seis meses pesando quatro quilos. "A gente conseguiu recuperar ele direitinho", e aponta para o berçinho onde o menino, rindo, sacode as grades da cama.

FALTOU DINHEIRO

Os moradores chegaram, em certa ocasião a pensar em desistir de manter a antiga creche, de madeira e zinco, porque não tinham mais dinheiro para cuidar das crianças. Mas não se conformavam, porque no começo da favela havia um grande terreno desocupado da Prefeitura, com 3.500 metros quadrados.

"Mas a gente não tinha nem um prego, nem uma táboa — conta João da Silva. — Foi quando apareceram estas moças", diz apontando para as funcionárias da Supervisão. O material, segundo eles, faltou várias vezes. No começo, contam, "o pessoal da Prefeitura estava com um pouco de receio do que poderia acontecer, pois, em tese, a obra poderia até ser embargada. Mas com o tempo, a Cobes foi adquirindo segurança no projeto". Acabou sendo responsável direta por todo o serviço de carpintaria e colocação de telhas; as instalações elétricas e de água foram feitas pela Regional do Butantã. E o jardim com 2.100 metros quadrados de grama, 30 quaresmeiras, 35 ipês, 92 paus-ferro e cinco seringueiras foi todo plantado pelas mulheres, que durante as obras cozinham para os trabalhadores, e pelas crianças da favela.

Klabin inaugura em S. Cruz oito creches para os pobres

A inauguração de oito creches-casulos levou ontem o Prefeito Israel Klabin, sua mulher Lea e a filha Maria, de um ano e meio à Vala do Sangue, Lote 14, Fazenda do Pica-Pau Amarelo e Rola, quatro localidades muito pobres de Santa Cruz onde alguns moradores passaram a manhã retirando, com enxadas, a lama que se formou nas ruas de terra pela chuva da madrugada.

Maria correu e brincou em meio às outras crianças, quase todas muito quietas e apáticas, dona Lea recebeu flores e foi designada "madrinha das creches" e o Prefeito fez um discurso emocionado: "Espero que todos aqueles que podem dar, que dêem, que participem, que venham às áreas mais carentes com suas famílias, para se juntar a vocês, que são o nosso povo, o que nós queremos que seja o nosso país do futuro", afirmou, apontando para as dezenas de crianças que o cercavam.

Na Vala do Sangue

Eram 9h quando a comitiva do Prefeito chegou à Vala do Sangue para inaugurar as duas primeiras unidades do Programa Casulo, montadas na pequena igreja de Cosme e Damião. Sob aplausos dos moradores, dona Lea Klabin descerrou a fita e logo em seguida, num breve discurso, o Padre Guilherme, pároco da região, agradeceu ao Prefeito "pela realização deste sonho que eu nem cheguei a sonhar, por julgá-lo impossível".

O Vereador Itagoré Barreto (MDB) falou depois, ressaltando os problemas da região, onde ele vive, e mostrando que as questões mais graves são a falta de água e de saneamento: lá não há esgotos, mas apenas valões a céu aberto. Ao discursar, outro político, o Deputado estadual Pedro Ferreira (MDB), também da região, pediu ao Prefeito que apoie uma ideia do Deputado Leonardo Klabin, seu filho, de criar uma cooperativa agrícola em Santa Cruz.

"O Governo do Estado acaba de comprar uma área de 2 milhões de metros quadrados", contou, "e comprou a preço de banana, Sr Prefeito, a Cr\$ 9,80 o metro quadrado, para fazer aqui mais uma favela urbana. Eu lhe peço que se entenda com o Governo do Estado para que, ao invés da favela urbana, usem este terreno para levar adiante o projeto de seu filho e criar nesta região uma cooperativa".

O Sr Israel Klabin iniciou seu discurso afirmando que "essa é a minha primeira e oficial participação naquilo que eu considero a essência da mensagem do Governo municipal atual no Rio. Temos um compromisso com as áreas mais carentes, as áreas em que se faz mais necessária a atuação do Poder Público e que têm sido sempre relegadas a segundo plano, pois pressões mais poderosas se fazem sentir sobre a estrutura do Poder e se continua, por comodidade, deixando essas áreas em segundo plano".

"Sou um administrador", continuou, "e assumi a Prefeitura porque achei que poderia fazer coisas como essa, e por nenhuma outra razão. Enquanto eu tiver forças para manter este tipo de atendimento e este tipo de mensagem, podem contar comigo". Acrescentou que muitas outras coisas "ainda faremos, a LBA, nós da Prefeitura e todos os organismos, municipais, estaduais, federais e outros. No entanto, é preciso que todos tenhamos consciência de que não há Governo e não há recursos que possam resolver a situação. Quem resolve são homens como o Padre Guilherme, quem..."

Diretamente os problemas não são aqueles que ocupam um cargo, como nós, mas aqueles que se entregam de corpo e alma à mensagem do seu trabalho".

14/08/79 O que é

A Coordenadora de Bem-Estar Social do Município e futuramente subsecretária de Desenvolvimento Social, Sra Miriam Backheuser, explicou que as inaugurações de ontem referem-se a oito unidades de creches-casulo, duas em cada localidade e com capacidade para 30 crianças cada uma, num total de 240 crianças, de dois a seis anos. Segundo ela, o trabalho está-se fazendo através de protocolo com a LBA e em contrato com as obras sociais da paróquia de Santa Cruz que é quem administra as creches.

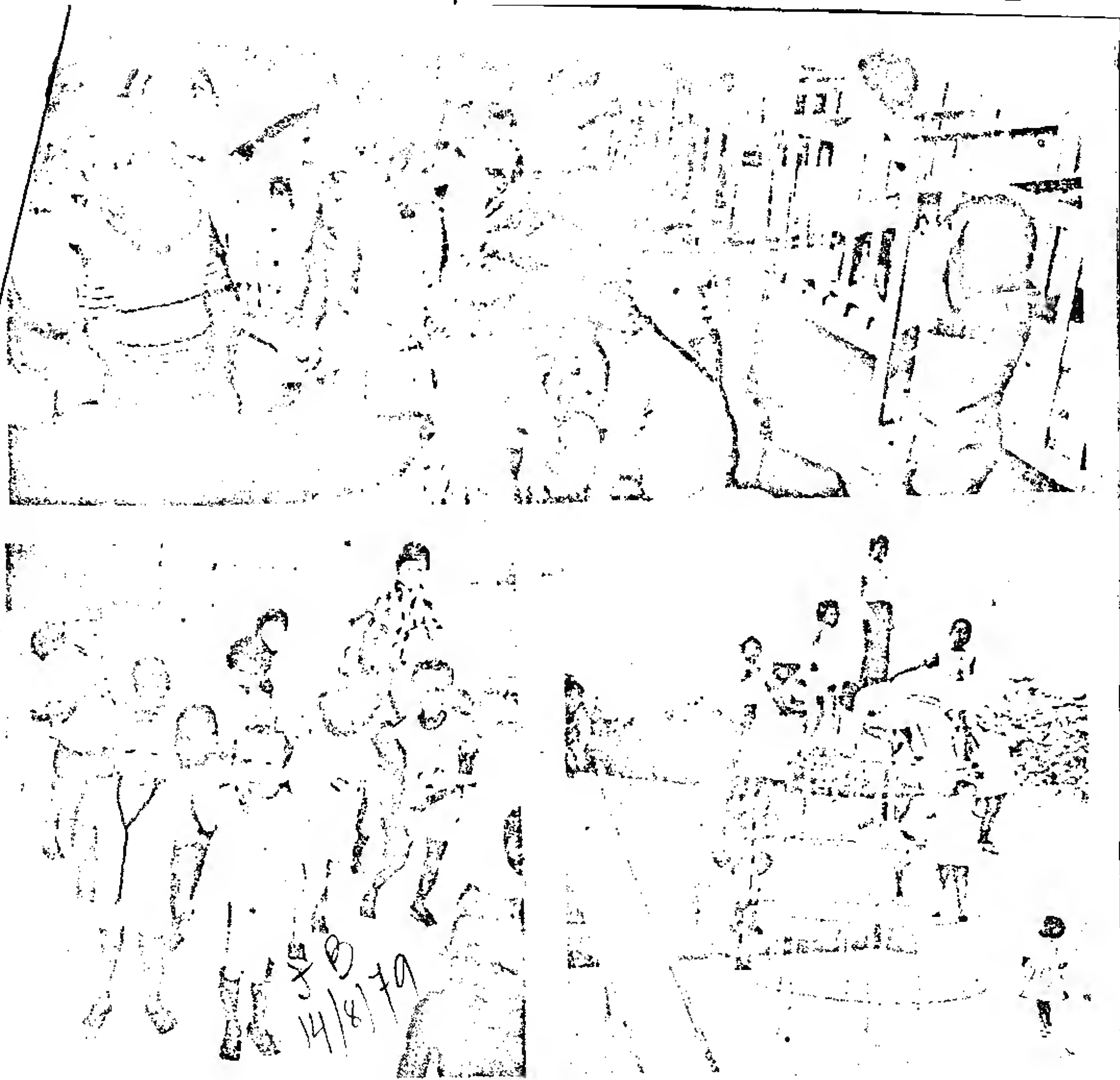
Houve também participação do administrador regional, da Secretaria Municipal de Educação, que está fornecendo a merenda através do Instituto Annes Dias, e da Secretaria de Saúde, que providenciou vacinas, para as crianças, no local, e está fazendo exames médicos. "Também a Secretaria de Fazenda contribuiu", contou ela, "dando as cadeirinhas, que foram apreendidas pelo rapa" (fiscais).

O dinheiro, porém, é pouco: a LBA repassará recursos correspondentes a apenas Cr\$ 6 mil por ano por cada criança, e por isso foi preciso mobilizar outros benefícios, como merenda e mobiliário. Cada unidade terá duas professoras e uma merendeira, que serão pagas, e pessoas da própria comunidade, em trabalho voluntário. A maior parte das crianças permanecerá nas creches por períodos de quatro anos, "porque as mães são biscaiteiras, saem só para fazer uma arrumação e voltam logo", mas as que necessitarem ficarão em tempo integral (oito horas).

Em Vala do Sangue, o adro da igreja de Cosme e Damião foi ocupado por mesas e cadeiras pequenas, e a parte dos fundos serviu para se montar uma cozinha, com pia, geladeira, fogão e todos os utensílios necessários. Após a inauguração em Vala do Sangue, a comitiva do Prefeito seguiu para o Lote 14 e no caminho passou por ruas de terra alagadas, onde os moradores, com enxadas, retiravam a lama. Também lá a creche-casulo (duas unidades) funciona numa igreja, no mesmo esquema da outra.

Às 10h20m o Prefeito chegou à Fazenda do Pica-Pau Amarelo, inaugurando também duas unidades de creche num pavilhão pequeno, uma espécie de porteira na estrada de acesso à fazenda, especializada em reprodução de gado. Dali, em companhia de seu Secretário de Saúde, Sr Alberto Coutinho Filho, fez uma visita de surpresa ao posto de saúde mais próximo, onde, às 10h50m, não havia um só médico.

As enfermeiras e atendentes ficaram assustadas com a visita e tentaram explicar que o posto só funciona de manhã, até as 11h, e ontem fechara às 10h30m. O Prefeito e o Secretário se entreolharam, com ar apreensivo; o Prefeito voltou a olhar em volta e comentou: "E, o posto está muito bom, tudo muito bom, tudo limpinho, mas não funciona, não tem médico". Logo depois foram todos embora, sem passar pelo Rola, região também de Santa Cruz onde ontem começaram a funcionar duas outras unidades do programa de creches-casulos, para 60 crianças carentes da região.



O dormitório, o pátio, os brinquedos cedidos pela AR de Santo Amaro

Há algum tempo, quando Nilda Wagner Marin sonhou em criar um lar para crianças abandonadas — e o conseguiu — após muita luta, foi uma festa. Ela lavou seu coração com lágrimas de alegria, que foram enxugadas pelos beijos de quatro ou cinco menores que já eram cuidados por ela. Hoje, eles formam um feliz grupo de quarenta crianças, de um a oito anos.

Quem quiser conhecer essa instituição, que realiza um trabalho elogiável, pode visitar o Lar André Luiz, no Jardim São Bernardo, em Parelheiros (Santo Amaro). Lá encontrará as crianças tratadas com muito carinho, dedicação e sobretudo amor. Muitas delas são abandonadas, outras vêm de famílias muito numerosas, de baixa renda e cujos pais vão visitá-las, às vezes. Outras, ainda, vieram de unidades da Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor — Febem. Marta, por exemplo, tem quase dois anos. Não tem pai, mãe ou parentes. Se eles existem, ninguém sabe, porque nunca se manifestaram.

Como a maioria das quarenta crianças que vivem no Lar André Luiz, a única família que Marta conhece são os nove funcionários da entidade, que, além do serviço pelo qual são remunerados (preparar a comida, limpeza do dormitório, arrumação do jardim e cuidar das crianças), também procuram distribuir um pouco de carinho entre as crianças, carentes de quase tudo.

A diretora da creche, Nilda Marin, é muito rigorosa na supervisão e limpeza da cozinha, refeitório e dormitórios. E é muito meiga também, tanto que quando entra no pequeno quintal de recreação, as crianças correm em sua direção em busca de um afago, um beijo, um sorriso, uma palavra de carinho.

“É uma pena, mas não posso aceitar mais crianças por falta de espaço físico. Se mais algumas viessem para cá, teria que abrir mão da qualidade no atendimento em detrimento da quantidade”, disse Nilda. O terreno onde está construído o Lar foi doado por colaboradores generosos, mas de seus quatro mil metros quadrados, apenas 400 são de área construída. “É preciso dinheiro para a compra do material, preciso dinheiro para tudo. No momento, não há como executar obras de ampliação das instalações”, lamentou-se a diretora.

Mas parece que as coisas para o Lar André Luiz vão melhorar. Em recente visita que fez à região, o prefeito Olavo Setúbal autorizou o asfaltamento da rua B, onde se localiza o Lar, o que vai facilitar muito o acesso ao centro do bairro, com possibilidades ainda de se iluminar a via, ainda este ano. Além disso, a Administração Regional de Santo Amaro forneceu os dois únicos brinquedos para as crianças (um escorregador e um trepa-trepa), algum material para construção e um portão de ferro.

Se Nilda conseguir verbas — sempre provenientes de doações — ela pretende construir um pequeno galpão coberto, para que as crianças em dia de chuva ou muito sol, possam brincar e se divertir, sem que tenham que ficar trancadas dentro do refeitório, como acontece atualmente. No bairro, há também falta de um posto médico; o transporte coletivo para aquela região ainda é precário, muitas ruas não são asfaltadas ou sequer iluminadas.

“Outro dia, contou Nilda, um de nossos meninos precisou de cuidados médicos (ele havia caído de uma árvore) e tivemos que levá-lo, às pressas, até a Santa Casa de Santo Amaro, a cerca de dez quilômetros de distância”.

Nilda Marin pretende criar as crianças até a idade adulta, ou até quando tenham “condições de se sustentarem”. E as intenções, a longo prazo, são de criação de um pomar, horta e de oficinas abrigadas para que, quando se tornarem adolescentes, possam aprender uma profissão.

O CAMINHO

Quem quiser conhecer o Lar André Luiz, basta seguir a avenida Interlagos até o fim e de lá alcançar a Estrada de Parelheiros. Após cruzar a Estrada do Bororê, entrar à esquerda (onde se lê a placa “Jardim São Bernardo”). A partir daí, há outras setas indicativas da localização exata do Lar, cujo endereço é Rua B, n.º 56.

CARTAS

Correspondência para esta coluna pode ser enviada para alameda Barão de Limzeira, 425 — 2.º andar — Redação da Folha da Tarde.

INAUGURADA A CRECHE DA FAVELA DE VILA DALVA



Foi inaugurada no último sábado, dia 17, a creche da favela de Vila Dalva, cuja construção somente foi possível através do trabalho conjugado dos moradores — favelados e vizinhos da favela — da região, com a colaboração da Supervisão Regional de Serviço Social.

Segundo Maria Lúcia Rodrigues, assistente social da Regional do Butantã, no início havia um grupo de voluntários, moradores do bairro, que começaram a construção de um barraco, no qual atendiam as crianças da favela, que eram sete mas, em pouco tempo perfaziam o número de trinta e cinco.

Era difícil manter a improvisada creche e, diante dos problemas com que se defrontavam, os moradores procuraram as assistentes sociais. E da idéia conjunta surgiu a possibilidade de se construir uma creche em alvenaria, com gastos mínimos, pois a mão-de-obra foi executada pelos próprios moradores, pelo sistema de mutirão. Os gastos limitaram-se ao material empregado, e em oito meses o milagre estava realizado.

Maria Lúcia conta que o fator mais importante para a construção da creche foi a força de vontade das pessoas envolvidas e que a ajuda do ex-administrador regional foi fundamental, dando apoio, conseguindo o terreno e nele realizando obras de terraplenagem. Segue dizendo que, se fosse pelos caminhos tradicionais, a creche ainda não estaria pronta, pois as obras municipais demoram, em média, um ano e meio. Ressalta, ainda, que além da rapidez, foi mais importante a participação popular, refletindo na obra a cultura da comunidade.

Além das crianças, a creche receberá adultos que lá se reunirão para participarem de núcleos de trabalho, aulas do Mobral, reunião de pais e outras atividades. Através de convênio com o COBES — Coordenadoria do Bem Estar Social, a creche Menino Jesus atenderá, em média, cem crianças; setenta por cento do orçamento serão cobertos pelo COBES.

A construção da creche Menino Jesus foi a primeira experiência deste gênero na cidade e servirá de modelo para que outras venham a ser construídas.

Maria do Carmo Brandt é supervisora Regional do Serviço Social e responsável pela coordenação deste órgão. Ela nos conta que no Butantã há uma guerra contínua entre favelados e a classe média. "O sonho dos habitantes do Butantã é expulsar os favelados". Segundo ela, anteriormente já se havia tentado realizar esse projeto, mas a ação dos moradores do bairro interrompeu a obra, que seria realizada na favela do Sapé. Finaliza dizendo que a creche da Vila Dalva só foi possível graças à convergência de interesses dos favelados e moradores do bairro.

Jornal: O SÃO PAULO
Data: 17-23/08/1979
Pág. 6Parte n.
N.º do recorte: 0408

Violação inaudita dos Direitos Humanos

Crianças desaparecidas no Cone Sul

17/08 22:29 186

"Na América Latina há regimes em que desaparecem os pais e se deportam as crianças, num ato contra todo e qualquer direito fundamental do homem. O próximo passo será verificar se há outras crianças nessas condições, como parece indicar o relato do menino Anatole Grisona" (OSP, 3 a 9 de agosto de 1979, p. 9).

O próximo passo já foi dado. Já estão as listas de nomes, os dados que se tem, as fotos. Das crianças e das mães que estariam grávidas quando foram sequestradas. Isso na Argentina. Mas aparecem também uruguaios e um ou outro paraguaio, peruano ou boliviano.

Todas essas informações foram dadas na Cúria Metropolitana na 3.ª feira, dia 14 de agosto, em coletiva à imprensa com D. Paulo Evaristo Arns e a Comissão Arquidiocesana de Direitos Humanos.

CAMPANHA

Trata-se de uma CAMPANHA MUNDIAL PELAS CRIANÇAS DESAPARECIDAS que está sendo lançada pelo CLAMOR — Comitê de Defesa dos Direitos Humanos para os países do Cone Sul — órgão vinculado à Comissão Arquidiocesana de Pastoral dos Direitos Humanos e Marginalizados.

Pela primeira vez, no caso de Anatole e Lúcia Eva, conseguiu-se localizar as vítimas da repressão política que age em conjunto nos países do Cone Sul. Mas estas não são as únicas crianças sequestradas ao lado

de seus pais. Incluindo os bebês nascidos nas prisões e arrancados de suas mães, acredita-se que pelo menos 100 menores se encontram desaparecidos. Eles podem estar adotados no Exterior ou talvez até em seu próprio país.

"CLAMOR" PEDE INFORMAÇÕES

Visa a Campanha localizar essas crianças. Basta lembrar que Anatole e Lúcia só foram localizados depois de ampla cooperação entre entidades de direitos humanos, grupos de Igreja, familiares, amigos, exilados políticos e a imprensa.

Todas as informações que se possam conseguir, devem ser enviadas ao COMITÊ DE DEFESA DE DIREITOS HUMANOS PARA O CONE SUL cuja sede fica na Cúria Metropolitana, à Av. Higienópolis, 890. A respeito das crianças argentinas ou

uruguaias, desaparecidas por ocasião da prisão ou sequestro de seus pais, o CLAMOR pede os seguintes dados: nome, data e lugar de nascimento — fotografias — nome dos pais e avós — endereço da família — descrição física — marcas e cicatrizes — hábitos — documentos — qualquer outro dado.

FALA D. PAULO

Falando aos repórteres presentes, D. Paulo Evaristo Arns declarou: "Até o presente momento são 99 os menores desaparecidos na Argentina. Para a sua descoberta, é preciso que todos ajudem. Principalmente a imprensa: quem lê essa notícia, fica estimulado a fornecer mais informações e assim a criança acaba sendo encontrada. Uma vez localizada a criança, há uma comunicação com os organismos internacionais. Nesses países do Cone Sul é muito difícil trabalhar nes-

se sentido: eles têm medo por causa da repressão. Com consternação fomos notificados da apreensão, pela polícia argentina de uma lista com 5.581 nomes de **personas desaparecidas na Argentina** e que estava sendo impressa em uma gráfica de Buenos Aires.

VIOLAÇÃO INAUDITA

Podemos dizer que os países do mundo estão espantados com esse fato novo na história: o desaparecimento de crianças cujos pais foram presos ou sequestrados, ou mesmo mortos no ato do sequestro. É uma violação inaudita dos direitos humanos. É de pasmar! Ainda mais que isto está acontecendo em países cujos governos querem se chamar cristãos e não admitem que haja violação de direitos humanos no próprio país.

Aqui nós estamos colhendo dados que nos chegam de outros países. No Brasil nunca tivemos notícia de crianças que fossem deportadas como filhos de presos políticos. Há sete anos eu me tornei um pouco a concha acústica de todas as queixas e nunca ouvi nada sobre isso aqui no Brasil.

CADEIA DE SOLIDARIEDADE

O nosso interesse é que essas crianças argentinas ou uruguaias, sejam encontradas, é fazê-las aparecer para que possam ficar com seus pais e sua família, que possam crescer e desenvolver-se. Precisamos formar uma grande cadeia de solidariedade.



Na ordem, da esquerda para a direita: Sara Rita Méndez; seu filho, Simon Antonio Riquelo; Jorge Schneider.

Lista parcial dos desaparecidos

A — Crianças pequenas desaparecidas

- 1 — **Amaral Garcia** — uruguaio, sequestrado em 8-11-74, com 3 anos de idade em Buenos Aires, ao lado dos pais, Floreal Garcia e Mirtha Hernandez. Posteriormente (20-12-74) os corpos dos seus pais foram encontrados em Soco, no Uruguai.
- 2 — **Pablo Laschan Mellado** — chileno, sequestrado em fevereiro/março de 1976, com 6 meses de idade, em Buenos Aires, ao lado da sua mãe, Frieda Laschan Mellado (chilena).
- 3 — **Simón Antonio Riquelme** — uruguaio, sequestrado aos 13-7-76, com 20 dias de idade, em Buenos Aires, ao lado da mãe, Sara Rita Mendez. Ela está na prisão de Punta Rieles, em Montevideu. De seu filhinho não se tem notícia.
- 4 — **Carla Rutilo Artes** — peruana, presa aos 9 meses de idade, junto com a mãe, Graciela Rutilo Artes, em Oruro, Bolívia, aos 2-4-76. Aos 29-8-76 mãe e filha foram entregues às autoridades argentinas, na fronteira dos dois países.
- 5 — **Juan Pablo Schaegr** — argentino, sequestrado aos 10-9-76, ao lado da babá. Seus pais foram mortos ao resistirem ao sequestro. Seu irmão **Frederico** também foi preso.
- 6 — **Mariana Zaffaroni Islas** — uruguaia — sequestrada aos 27-9-76, com 18 meses de idade, em Buenos Aires, ao lado dos pais, Jorge Zaffaroni e Maria Emilia Islas.
- 7 — **Clara Anahi Mariani** — argentina, desaparecida aos 24-11-76, em La Plata, com 3 meses de idade, quando seus pais foram mortos por forças de segurança durante ataque à sua casa.
- 8 — **Carlos Santillan** — argentino, sequestrado em novembro de 76, com 2 anos de idade, ao lado dos pais e irmã, em Pergamino, Buenos Aires.
- 9 — **Maria Lúcia Santillan** — argentina, sequestrada em novembro de 76, com 4 anos de idade, juntamente com seu irmãozinho Carlos (n.o 8), em Pergamino, Buenos Aires.
- 10 — **Victoria de la Cruz Delard** — argentina, sequestrada em janeiro de 1977, com 5 meses de idade, ao lado da mãe, Carmen Angélica Delard Cabezas, em Buenos Aires.
- 11 — **Gabriel Matias Cevasco** — argentino, nascido aos 14-10-76, foi sequestrado aos 11-1-77, retirado dos braços da mãe quando ela deixava a fábrica "San Andrés" onde trabalhava.
- 12 — **Filha de Beatriz Rachia de Garcia** — argentina, levada da casa de sua avó logo depois do sequestro de sua mãe, aos 12-1-77.
- 13 — **Sebastián Marques** — argentino, sequestrado em maio de 1977, com 4 anos de idade, ao lado da mãe.
- 14 — **Jorgelina Planas** — argentina, nascida aos 5-8-73 e sequestrada, ao lado da mãe, em maio de 1977.
- 15 — **Andrea Viviana Hernandez Hobbas** — uruguaia, sequestrada aos 13-10-1977 com 2 anos de idade, na Argentina, juntamente com 2 irmãos (ver n.o 42 e 43).
- 16 — **Tatiana Ruarte** — argentina, desapareceu com seus pais aos 15-10-1977, com 4 anos de idade, e com sua irmãzinha (ver n.o 17).
- 17 — **Laura Malena Jotar** — argentina, desapareceu aos 15-10-77 com seus pais Alberto Javier Jotar e Mirta Graciela Britos, com 2 meses de idade, e com sua irmã (ver n.o 16).
- 18 — **Matias Brugnone** — argentino, sequestrado entre 8 e 12 de dezembro de 1977, com 8 meses de idade, ao lado de seus pais, em Buenos Aires.
- 19 — **Soledad Dosetti** — uruguaia, sequestrada aos 12-12-77, na Argentina, com 4 meses de idade.
- 20 — **Carmen Sanz** — uruguaia, sequestrada aos 31-12-77, na Argentina, com 4 dias de idade (nascida aos 27-12-77).
- 21 — **Paula Eva Logares** — argentina, desaparecida aos 18-5-78, em Montevideu, com 2 anos de idade, juntamente com seus pais, Cláudio Ernesto Logares e Mônica Sofia Grinspsen de Logares.

B — Adolescentes desaparecidos

- 22 — Floreal Avellaneda — argentina, 15 anos de idade, presa com sua mãe, Tris de Avellaneda, aos 15-4-76, em Buenos Aires. As duas foram torturadas. Mais tarde sua mãe foi transferida para uma prisão, mas Floreal desapareceu. Aos 16-8-76 um corpo, que se presume ser o seu, foi encontrado com outros nas margens uruguaias do Rio da Prata.
- Geraldo Serson — argentino, com 16 anos de idade, sequestrado com sua irmã em maio de 1978. Acredita-se que eles foram assassinados.
- 24 — Gustavo Alejandro Cabezas — argentino, 17 anos de idade, sequestrado na rua, aos 10-5-76, depois de sair para procurar trabalho.
- 25 — Ana Maria Gallardo — argentina, 15 anos de idade, sequestrada aos 8-7-76.
- 26 — Rodney Eduardo Garcia — argentino, 15 anos de idade, sequestrado com seu pai, Juan Carlos Garcia, aos 9-7-76.
- 27 — Bettina Tarnopolsky — argentina, 15 anos de idade, sequestrada na casa de sua avó, aos 17-7-76. Na mesma noite sequestraram seus pais, seu irmão mais velho e sua cunhada.
- 28 — Alicia Marina Mingorace — argentina, 16 anos, sequestrada aos 23-7-76 com seu irmão mais velho, Jorge.
- 29 — Juan Angel Nughes — argentino, 14 anos, sequestrado na porta do colégio, aos 11-8-76, em Tucuman, Ciudad Alberti.
- 30 — Manuel Carlos Cuevas — argentino, 14 anos, sequestrado aos 13-9-76.
- 31 — Maria Cláudia Falcone — argentina, 16 anos, sequestrada em La Plata, aos 16-9-76.
- 32 — Pablo Fernandez Meidada — argentino, 17 anos, desapareceu após sua detenção aos 22-10-76, no Colégio Nacional de Vicente Lopez, em Buenos Aires, juntamente com 3 colegas (ver n.º 33 e 34).
- 33 — Eduardo Muniz — argentino, 17 anos, detido no colégio aos 22-10-76 juntamente com colegas (ver n.º 32 e 34) e desaparecido.
- 34 — Leonora Zimmerman — argentina, 17 anos, detida com sua irmã Maria (18 anos) aos 22-10-76 e desaparecida (ver n.º 32 e 33).
- 35 — Ricardo Alberto Monteiro — argentino, 17 anos, sequestrado por um grupo de homens armados em sua casa, aos 10-12-76, em Zarate, provincia de Buenos Aires. Ele estava com a saúde abalada.
- 36 — Dagmar Hagelin — sueca-argentina, 17 anos, sequestrada aos 27-1-77, em Buenos Aires.
- 37 — Roberto Gustavo Lescano — argentino, 17 anos, sequestrado aos 9-2-77.
- 38 — Adriana Gatti de Rey — uruguaia, 17 anos de idade, 7 meses de gravidez, sequestrada aos 3-4-77.
- 39 — Pablo Marquez — argentino, 13 anos, sequestrado com sua mãe aos 13-5-77, em Avellaneda, provincia de B. Aires.
- 40 — Maria Elena Fernandez — argentina, 17 anos, sequestrada com seus pais em maio de 1977, em Avellaneda, provincia de Buenos Aires.
- 41 — Ana Maria Canega — paraguaia, 16 anos, grávida, sequestrada aos 13-6-77.
- 42 — Beatriz Lourdes Hernandez Hobbas — uruguaia, 14 anos, sequestrada na Argentina, juntamente com 2 irmãos (ver n.º 15 e 43) aos 13-7-77.
- 43 — Washington Fernando Hernandez Hobbas — uruguaio, 13 anos, sequestrado na Argentina aos 13-7-77, juntamente com 2 irmãos (ver n.º 15 e 42).
- 44 — Daniel Rus — argentino, 17 anos, sequestrado em Buenos Aires, aos 20 de julho de 1977.
- 45 — Fabian Resta — argentino, 13 anos, sequestrado aos 13-4-78.

C — Bebês nascidos na prisão e desaparecidos

A Assembléia Permanente pelos Direitos Humanos, em Buenos Aires, divulgou recentemente uma lista de 57 mulheres grávidas, sequestradas desde o golpe militar de março de 1976. Desses bebês nascidos nas prisões, só se tem conhecimento do destino de três: dois devolvidos aos avós e um que não chegou a nascer — o corpo de sua mãe foi devolvido à família quando ainda esperava o bebê.

O caso do bebê Ana de la Cuadra Zubas-

nabar dá uma idéia mais precisa do que pode ter acontecido aos outros recém-nascidos. Ana nasceu aos 16-7-77 na Delegacia de Polícia de La Plata (Comissaria 5.a). Seus pais, Hector Carlos Baratti e Elena de la Cuadra, haviam sido sequestrados aos 23-2-77. Quando tinha 4 dias, a pequena Ana foi arrancada dos braços de sua mãe. Em fins de 1977, uma autoridade eclesiástica falou sobre o caso com o coronel Tabernero, que respondeu: "A menina foi apresentada a uma família".

D — Mulheres sequestradas até 20-04-79

NOME	IDADE	TEMPO DE GRAVIDES	LUGAR	DATA				
Acuña de Gutierrez, M. Isabel	22	5	San Justo (B.A.)	26/08/76	Molina Vda. de Nicola, Lucia Esther	21	4 Um filho de 1 ano e meio, foi entregue à avó.	San Martin (B. A.) 21/04/77
Altmann, Susana Hayde	26	3	Capital	19/07/77	Montesano de Ogando, Stella Maria	29	8 e meio	La Plata (B. A.) 16/10/76
Argañaraz de Fresneda, Maria	34	5	Mar del Plata (B. A.)	8/07/77	Moyano, Maria del Carmen		3 e meio	Capital
Artigas de Moyana, Maria	26	2	Ramos Mejia (B. A.)	30/12/77	Muñoz, Nedi Beatriz	17	2	Lanús (B. A.) 5/04/77 8/04/78
Baravalle de Galizzi	28	4 e meio	San Martin (B. A.)	27/08/76	Negro			
Ana Maria					Neuhaus de Martinis	24	4	Ramos Mejia (B. A.) 16/03/76
Barragan de Rojas					Beatriz Hay			
Caimi de Marizcurrena	20	6 e meio	Martinez (B. A.)	11/10/76	Olaso de Ford, Mónica E.	19	2	La Plata (B. A.) 11/05/77
Candela de Ianzilotto, A. E.	24		S.S.	24/04/77	Ortega de Fosatti, Maria Inés		7 e meio	Quilmes (B. A.) 21/01/77
Carloto, Laura Estela	23	3 foi entre- gue morta em 25-8-78	S.S.	29/11/77	Ossola de Urra, Susana E.	30		San Miguel (B. A.) 22/05/76
Carriquiriborde de R. Gabriela	22	5	La Plata (B. A.)	3/09/76	Palacin de Toranzo, Delia	25	3	Villa Urquiza (B. A.) 5/04/73
Casco de D'Elia, Yolanda	32		San Fernando (B. A.)	22/12/77	Parodi de Orozco, Silvina	20		Córdoba 23/03/76
Castillo Barrios de O. Liliana	22	5	San Justo (B. A.)	5/05/77	Perez de Ascona, M. del Carmen	25	9	Capital 14/09/76
Castro de Dominguez, Gladys	24	6	Godoy Cruz	9/12/77	Perez de Donda, Ma. Hilda	26	5	Castelar (B. A.) 28/02/77
Coeytes de Carranza, M.C.			Capital	19/08/76	Quintela, Silvia Mônica	28	3	Avellaneda (B. A.) 17/01/77
Corazza de Sanchez, Silvia	27	5 no 3-1-77 um nenê foi entre- gue à avó	Lanus (B. A.)	19/05/73	Recchia de Garcia, Beatriz Ross	28	5	V. López (B. A.) 12/01/77
Cournou de Grandi, Maria C.	28	3	Paso del Rey (B. A.)	22/06/76	Segarra de Mendonza, Alicia	22	8	Capital 21-23/06/78
De La Cuadra de Barati, Elena	25	5	La Plata (B. A.)	23/02/77	Segarra de Torre, Laura Beatriz		8 e meio	Capital 21-23/06/78
Deschamps de Bretal		5 libertada	La Plata (B. A.)		Tasca, Adriana Leonor	22		Capital 9-15/12/77
Delard de Meiero, Gloria X.	21		Haedo (B. A.)	7/01/77	Trotta de Taglione		Libertada	La Matanza (B. A.) 38/11/73
Fontana, Liliana Celia	20		Caseros (B. A.)	1/07/77	Vacaro de Deria, Marta Inés		7 Tem uma filha de 21 ms.	Capital
Galeano, Celina Amalia		Estava grá- vida e é mãe de 6 filhos	Caste (B. A.)	11/03/73	Zampallo de Barragan, Mirta		7	Capital 31/12/77
Garcia I. G. de Gelman M. C.	21	7	Capital	24/08/76	Mabel			
Garin de D. Angelis, M. Adela	29	Grávida operada do coração	Quilmes (B. A.)	13/01/77	Alonso de Hueravillo	24	6 Nenê apareceu na casa de parentes	Capital 19/05/77
Garofalo de Placci, Alba		4 Tem um filho de 6 meses e meio.	San Martin (B. A.)	8/12/76				
Gatti de Rey								
Godoy de De Angelis, L. Adelma	20		Mar del Plata (B. A.)	28/11/77				
Isabella Valenzi de Lopez Ma- teos, Silvia Mabel	21	3	La Plata (B. A.)	22/12/76				
Jansenson de Arcuschin, N.	19		Capital	13/09/76				
Landaburu de Catnich, Leonor Rosario	25	7	Capital	31/08/77				
Lanzilotto de Mena, Ana Maria		3 e meio	Capital	13/07/76				
La Spina de Cerra, Nora Susana		3 e meio	La Plata (B. A.)	20/11/76				
Lemos de Lavallo, Mônica	26	8	San Fernando (B. A.)	20/07/77				
Lopez Guerra de Baiustegui		2	3 de Febrero (B. A.)	26/07/76				
Maria Cristina								
Mancusso de Rosenfeld, Cristina		4	Mar del Plata (B. A.)	16-25/10/76				
Masri de Roggerone, Mônica S.	22	2 e meio	Capital	12/04/77				

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

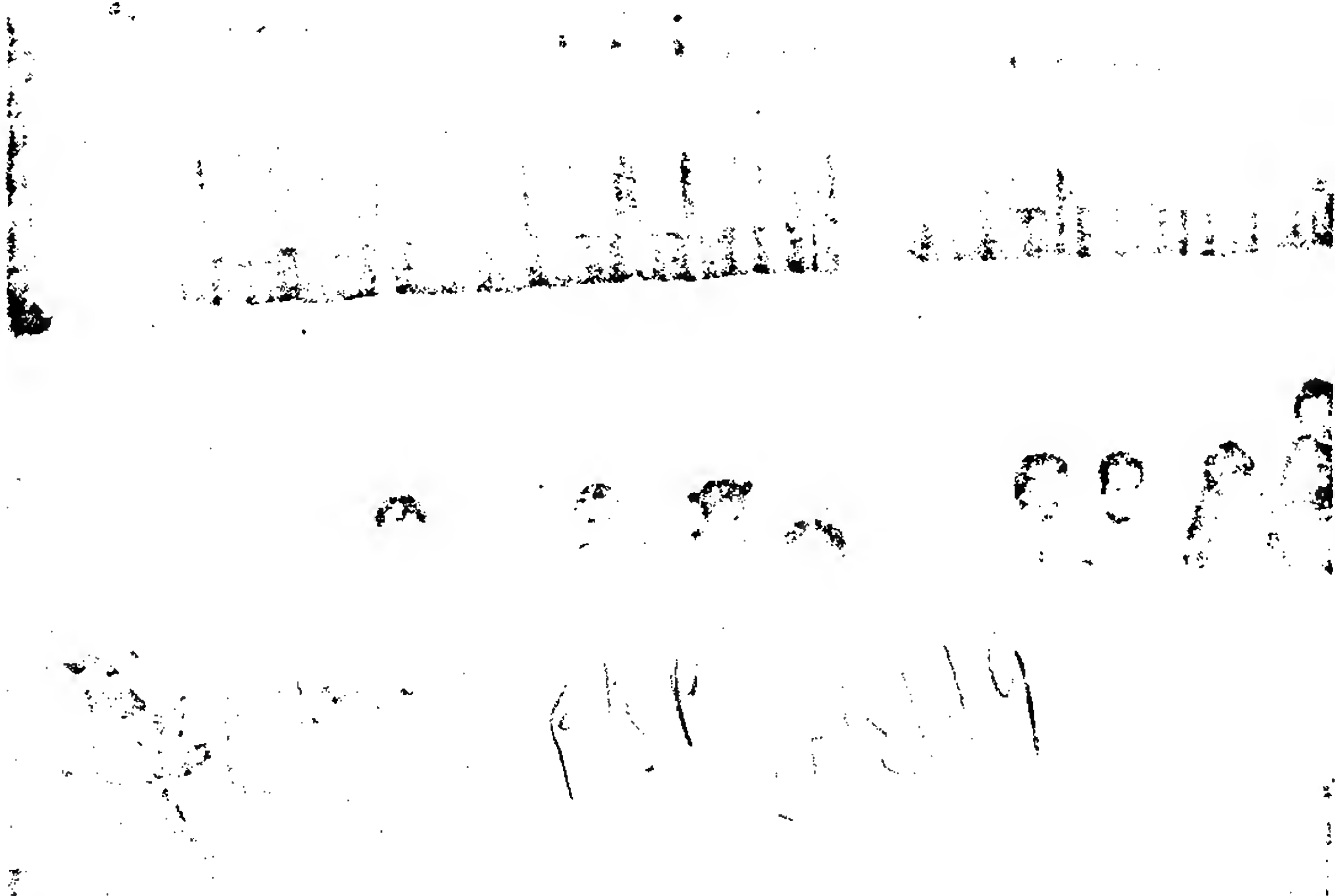
Jornal Folha de São Paulo
Data 30/08/79
Pág. 1

Pasta n.º
N.º do recorte.....

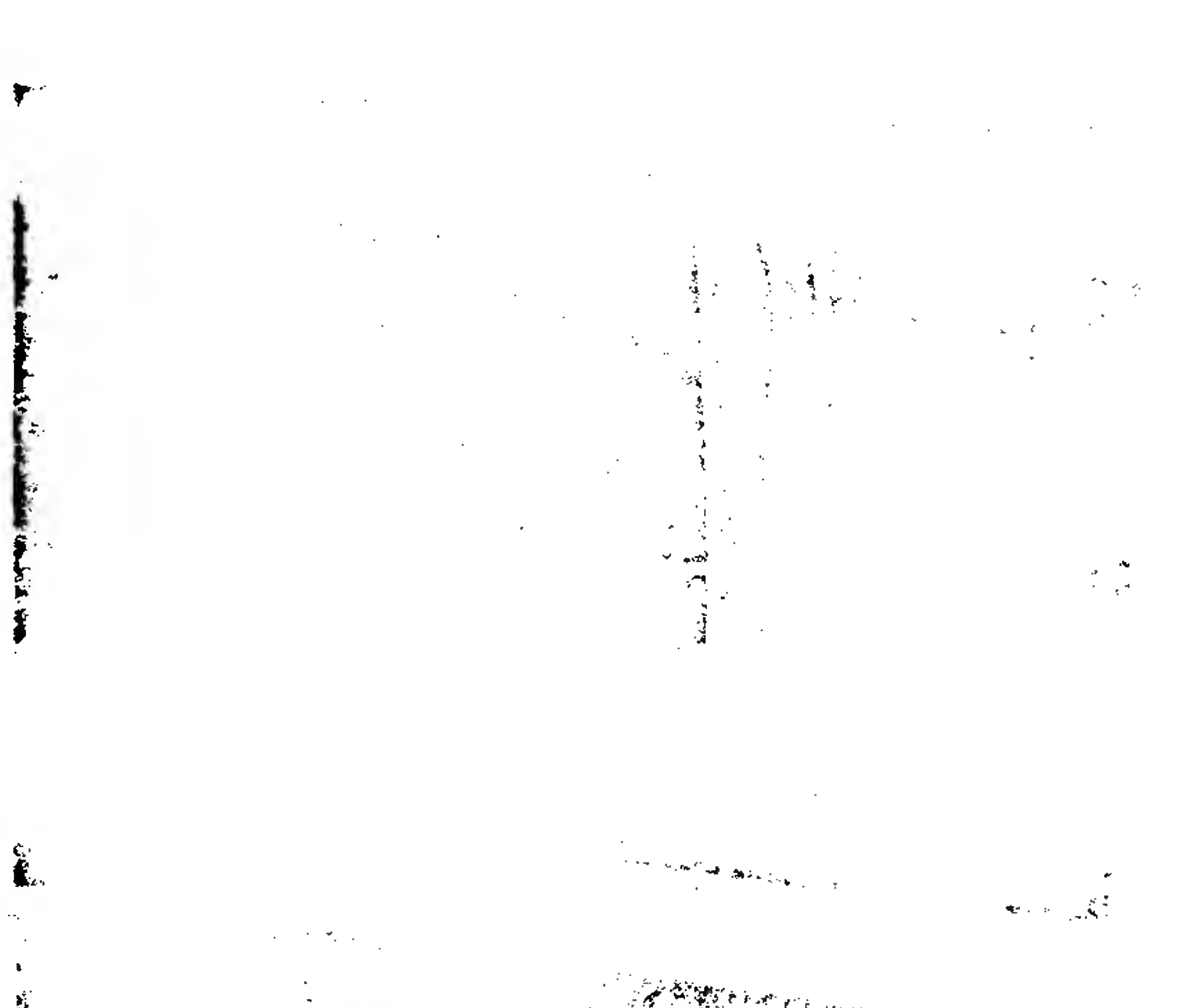
Sete doenças ameaçam a creche das Clínicas

A ocorrência de sete doenças infecto-contagiosas foi constatada, há uma semana, na creche do Hospital das Clínicas, destinada aos filhos dos funcionários e que recebe, normalmente, cerca de 200 crianças de até 3 anos; As moléstias são: hepatite, estomatite, sarna, caxumba, rubéola, sarampo e varicela. A creche, apesar de interditada até o dia 20 de setembro, continua sendo utilizada por grande número de crianças, segundo denunciou o presidente da Associação dos Funcionários do HC, Domingos Braga Santana. Ontem, por exemplo, o berçário abrigava 15 bebês e cerca de 20 crianças foram fotografadas brincando no salão. A administração do HC não se manifestou sobre o problema, alegando que somente o superintendente do hospital, Primo Curti, poderia prestar declarações. Curti, entretanto, não pôde ser ouvido, pois, segundo funcionários do HC, participou de várias reuniões e se ocupou com "outros compromissos".

PAG. 13



Cerca de 20 crianças brincavam ontem no salão da creche.



Na entrada da creche, uma advertência sobre o surto

MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

SUPERVISOR: DR. JOSÉ SYLVIO DE CAMARGO

Doenças na creche: HC explica e admite perigo

Tande 31/Ago/79

O superintendente do Hospital das Clínicas, Primo Curti, recusou-se ontem a falar sobre a ocorrência de doenças infecto-contagiosas na creche do Hospital, pois, segundo seu assessor de Imprensa, "ele considera isto um problema comum, interno do hospital, e que não tem sentido divulgar para a população". Em nota oficial, de 22 linhas datilografadas, distribuída aos jornalistas que foram procurá-lo, o superintendente não só admite o perigo de contaminação como confirma que, mesmo assim, a creche continua funcionando parcialmente.

A nota, assinada por Primo Curti, é dividida em três itens. No primeiro, é admitida a ocorrência das doenças hepatite, estomatite, sarna, sarampo, varicela (catapora), caxumba e

rubéola), o que, de acordo com o texto, "é comum nesta fase do ano em toda a comunidade".

O comunicado diz ainda que foram tomadas providências para garantir a saúde das crianças, como o afastamento daquelas já contaminadas que estariam recebendo assistência médica em casa, e a aplicação de gama-globulina nas outras "para protegê-las das contaminações". No final, a nota oficial diz que "a creche do Hospital das Clínicas continua funcionando normalmente com as providências acima citadas e recebendo apenas as crianças já imunizadas por vacinas, ou por terem adquirido anteriormente a doença".

HC: NÃO FALTA

MATERIAL

A Assessoria de

Relações Públicas, ao distribuir a nota informava também que o superintendente "não gosta de falar e considera essas informações suficientes". Primo Curti acha que "esse é um problema interno do hospital que não interessa divulgar para a população". Indagado sobre a falta de material, denunciada por funcionários do HC, segundo os quais foram suspensas cirurgias por falta de aventais esterilizados, o assessor respondeu: "A opinião do superintendente é de que não falta material".

CRECHE INFECTADA

Domingos Braga Santana, presidente da Associação dos Funcionários do Hospital das Clínicas, denuncia que

deverá ser atendido hoje por Primo Curti, diz que a solução é o HC conceder licença para aquelas mães que não têm com quem deixar os filhos, até que o problema seja resolvido. Ele reivindica também que a creche seja desinfetada.

A falta de desinfecção, embora a creche esteja parcialmente interditada, foi confirmada por uma funcionária que deixa seu filho de dois anos na creche, das 6 às 15 horas, todos os dias. Segundo ela, uma enfermeira da creche foi quem deu a informação. Embora seu filho tenha sido contaminado com varicela, há duas semanas, a funcionária (uma servente) não tem com quem deixá-lo e por isso precisa "arriscar".

CRECHE E APARECHE

Abertas as portas, chegam diversas sugestões sobre a implantação da creche. Onde? Como? Por quê? Quando? Todas as questões retornam ao se tentar solucionar de maneira mais adequada o problema. Perto de casa ou perto do Banco? Despesas subvencionadas pelo empregador ou despesas aumentadas ao empregado? Condução própria ou condução imprópria? Qual a melhor saída?

Após a edição do OVO nº 1, onde algumas informações a respeito da lei de creche foram debatidas, várias pessoas, mães e pais do Banco Central-SP, manifestaram-se sobre o assunto.

Muitas sugestões foram encaminhadas ao grupo de trabalho que elaborou a matéria. Ao relatarem, em sua maioria, as experiências concretas vividas, revelaram a necessidade premente da implantação do benefício creche. As dificuldades dos pais na conciliação da responsabilidade pela educação dos filhos (por exemplo, a preocupação em deixar com empregadas, com avós e outros parentes, além da questão financeira) com o exercício profissional reflete a dimensão do problema enfrentado ao se tentar solucionar satisfatoriamente.

Assim, mães e pais iniciam a discussão em torno desse tema. Foi realizada uma primeira reunião, onde se procurou encontrar a maneira mais adequada para se encaminhar a implantação da creche. Debatidas as questões básicas como localização, preço, condições ambientais, a sugestão mais aceita e defendida foi a de que a participação do Banco na subvenção das despesas, em cre-

ches de livre escolha, seria a meta ideal.

Mas não tendo bases de preços encontrados na praça, as mães estão trabalhando na coleta de preços de creches e escolas localizadas nos mais diversos pontos da cidade — centro e bairros.

Nessa pesquisa incluem-se outros itens como o horário de funcionamento, períodos, nível de atendimento, pessoal especializado, condições de higiene, alimentações, instalações, etc.

Outro aspecto levantado, é quanto ao prazo estabelecido pe-

la lei: até 6 meses de idade. As opiniões convergem para a necessidade de se estender até a idade pré-escolar. Conforme já foi comentado no número anterior, as mães acham insuficiente esse tempo, pois, um pouco mais da metade desse, podem elas próprias dispensar cuidados aos bebês no uso do direito à licença-maternidade.

Como resolver a questão desse prazo tão limitado? Nesse aspecto, como tornar a lei passível de aplicação? Como resolver o problema de transporte para quem não tem condução própria? Como resolver todas as questões que envolvem o assunto?

Aberta a discussão, surgem essas questões a procura de respostas que possam viabilizar a concretização de um problema enfrentado pelos pais. E sendo assim, quem melhor que eles mesmos para encaminhar a proposta? A discussão deve e precisa ser ampliada!



"O mais importante seria uma creche que recebesse crianças dos 4 meses aos 6 anos. E desnecessária a creche dos 0 aos 6 meses, como está previsto na lei..." - funcionária do recam.

"...implantação de berçário e maternais perto do Banco, com ônibus próprio para ir buscar as crianças e levá-las para as respectivas residências, até a idade pré-escolar..." - funcionária do relir.

"Acho interessante que haja a opção de deixar a criança mensalmente ou só esporadicamente, como no meu caso..." - funcionária do repes.

"Sou favorável à criação de uma subvenção a todos os funcionários que tenham crianças na idade de 3 meses até aproximadamente 6 anos, a fim de que possamos utilizar de creches existentes próximas às nossas residências..." - funcionária do relir.

"Atentar para o fato de que as creches deverão suprir as necessidades básicas das crianças..." - funcionária do relir.

"...de livre escolha pelo funcionário, com estipulação de um limite do valor reembolsável pelo Banco, mediante apresentação de

comprovante..." - funcionária do repes.

"...devem contar com recursos médicos, alimentação adequada e recursos materiais que permitam à criança se desenvolver..." - funcionária do repes.

"...criar creche no local de trabalho, tendo em vista que a mãe participa mais ativamente na educação e criação da criança..." - funcionária do relir.

"...fornecer um subsídio aos funcionários que têm filhos em determinada faixa de idade, para que os mantenha em creches à sua escolha, segundo sua conveniência..." - funcionária do repes.

"...sistema de livre escolha por parte do funcionário, em berçário próximo à sua residência, com subvenção deste Banco Central..." - funcionária do relir.

"...desta minha experiência, algumas re-

gras básicas eu pude tirar..." - funcionária do repes.

"...a escolha do estabelecimento seria da responsabilidade do funcionário..." - 11 funcionários do recam.

"...um problema grave para as mães que como eu trabalham, é combinar o horário e o meio de transporte..." - funcionária do repes.

"Existem muitos problemas a serem resolvidos, como transporte, convênios com escolas à escolha dos pais, preço da subvenção, etc..." - funcionária do recam.

"Pela lei, o Banco deveria manter uma creche para filhos de funcionários com até 6 meses de idade. Isso na realidade não resolveria, pois a maioria das funcionárias ficam no mínimo 4 meses em casa..." - funcionária do repes.

"Sou favorável à criação de uma subvenção a todos os funcionários que tenham crianças na idade de 3 meses até aproximadamente 6 anos, a fim de que possamos utilizar de creches existentes próximas às nossas residências..." - funcionária do relir.

"...tomando conhecimento do interesse dos senhores pelo gravíssimo problema que é o não ter onde deixarmos nossos filhos, torno a liberdade de tecer algumas sugestões..." - funcionário do relir.

"Segundo levantamento feito no protocolo (remap), das 10 pessoas entrevistadas todas foram a favor da creche..." - funcionários do remap.

"...a criação de uma creche é indispensável em qualquer tipo de empresa, uma vez que admitam funcionários com filhos, porque tendo creche a funcionária trabalha mais confiante, dedicando-se o mais possível para o bom andamento do serviço para o qual se propõe, sem a necessidade de ausências frequentes, atrasos, etc..." - funcionária do repes.

"Meu filho fica em um berçário durante o dia, enquanto eu faço o último ano da faculdade (manhã) e trabalho (tarde)..." - funcionária da redip.



Clubes de mães do Itaim intensificam sua luta

Os 16 Clubes de Mães de Itaim Paulista, Zona Leste, se integraram numa luta comum: por melhores condições de saúde e assistência médica para a região. Para conquistarem este direito as senhoras se reúnem semanalmente, organizam abaixo-assinados, visitam outras senhoras da comunidade ainda não integradas no trabalho e realizam amplas assembleias. A maioria dos grupos é formada por mais de 20 mulheres engajadas na luta. Suas reuniões são feitas ou nos Centros Comunitários, em suas casas, já que no Itaim só existe uma paróquia. Para informar e integrar toda a região nesta luta por mais e melhores postos de saúde, os Clubes de Mães publicaram o terceiro número de seu boletim, com dois mil exemplares e deram entrevista a O São Paulo.

Compareceram ao encontro 20 representantes: do Jardim Robru, Jardim das Camélias, Vila Aiabana, Camargo Velho e Novo, Vila Itaim, Jardim Nélia. Dona Lurdes explicou que a preocupação dos Clubes de Mães do Itaim "é com os problemas do nosso bairro, que são muitos. Atualmente nos integramos na luta por postos de saúde, mas nossas lutas por asfalto, esgoto, lixo, não podem parar, porque senão o problema de saúde não será resolvido". Mas além de lutarem pela melhoria do bairro, afirma dona Mirtes, do Jd. das Oliveiras, "nos preocupamos em valorizar a mulher. Nós devemos participar e tomar decisões no que é de interesse da nossa comunidade. Isto sempre procurando uma igualdade com o marido, para assim podermos enfrentar melhor os problemas".



Mais e melhores postos

A luta por melhor assistência médica começou no Itaim, no "Dia da Mulher", 8 de março, quando os Clubes de Mães souberam que outras comunidades se movimentavam por isso. Na região existem dois postos de saúde: um em Vila Itaim, e outro, funcionando em precárias condições, em Camargo Velho. Conforme resultado da pesquisa por elas elaborada, estes postos atendem em média oito crianças por dia. Para uma consulta, entra-se numa fila às quatro horas da manhã e só são vacinadas 30 crianças por dia. O leite distribuído para as gestantes, diariamente, é pouco demais.

Também de acordo com as pesquisas a reivindicação da comunidade do Itaim é para que melhore o atendimento nos dois postos e que se construa mais dois, sendo os locais também já estudados: Jardim Robru e Jardim das Oliveiras. Durante es-

tes meses as representantes dos 16 Clubes de Mães visitaram os postos e as autoridades e organizaram um abaixo-assinado:

"O abaixo-assinado é um alerta para que eles vejam que o povo está acordando e se unindo", afirma dona Norma, do Jd. das Oliveiras. Dona Maria, de Camargo Velho, completa: "Nós somos que nem formiguinhas, vamos trabalhando devagar, dando ferroadas no Governo, mostrando que a gente existe. Não podemos ficar quietas, nós pagamos impostos e queremos que este dinheiro venha para o povo e não para os ricos que moram no centro". E finaliza: "Nós agora estamos acordando e nos unindo. E as que já acordaram estão acordando outras que estão mais acomodadas".

Grandes vitórias

Há disposição de luta entre as senhoras nos Clubes de Mães. Elas já têm histórias de vitória para contar. As mães de Vila Itaim e Jardim Romano conseguiram aumentar o número de linhas da CMTC, fazendo com que funcionassem no período normal — os ônibus das três linhas existentes estavam paralisados e não trafegavam nos fins de semana e nem depois das nove horas. Grande experiência tem a comunidade do Jardim Robru: não possuindo água encanada, o Clube das Mães foi duas vezes à Sabesp. Na primeira, com pouca gente, foi atendido

mas "enrolado". Na segunda, as 40 donas-de-casa não foram atendidas mas enfrentaram a situação: "ou resolvem o problema, ou traremos milhares de pessoas". O problema foi solucionado. Outra vitória conquistada pela comunidade do Itaim foi a extinção do famoso "lixão", após realizar uma assembleia no próprio local com cinco mil moradores.

Pressionando o Governo

"Com todas essas pressões a gente vai falando ao Governo para deixar de melhorar o centro, onde moram os ricos, e se preocupar com os pobres que moram nos bairros", conta-nos dona Celestina, de 65 anos, que há pouco mais de quatro anos trabalha no Clube das Mães de V. Alabana. "Este Governo está com muita tapeação sobre o povo. A gente vê no Jornal Nacional o Governo dizer que está baixando o custo de vida, mas a gente vai ao mercado e fica num estado de nervos por causa dos preços", afirma dona Mirtes.

E para melhorar a situação do trabalhador? Respondem as moradoras: "só a gente se conscientizando e se organizando". "A gente tem que aos pouquinhos ir derrubando este Governo que está aí e não nos serve". "A gente tem que ir picando como formiguinha os que se dizem nossos governantes".

Contra a submissão

E os maridos, os "homens" da casa? "Os nossos maridos com este salário mínimo têm que fazer horas extras, gastam quatro horas nos ônibus e nem têm tempo de reclamar. Só vivem para enriquecer os industriais (rindo)... Os mais conscientes nos deixam lutar. Eles reconhecem que estão sendo explorados... Por tudo isto a gente deixa até, se for preciso, a limpeza da casa para ir lutar pela comunidade", afirma Mirtes.